

Editorial

Manter ativa uma publicação científica é um desafio, porém perceber que este periódico está crescendo e se tornando referência na área é muito gratificante. A publicação Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT) está passando por um processo de consolidação e transformação. A partir deste ano, a publicação passa a ser vinculada à Rede Brasileira de Ciência, Tecnologia e Gênero, fato significativo para o reconhecimento e o amadurecimento deste veículo de divulgação acadêmica.

Esta publicação está entrando na “adolescência” e, durante seus doze anos de existência, conseguiu demonstrar vitalidade e força, ganhando assim, visibilidade no âmbito nacional.

Agradecemos a todas/os as/os pesquisadoras/es que contribuíram com seus artigos nessa trajetória e convidamos a continuar conosco.

Este número dos CGT traz cinco artigos e uma entrevista. No primeiro artigo, de autoria de Maria Sara de Lima Dias, intitulado *A escolha feminina na área das profissões tecnológicas impactos na subjetividade*, a autora reflete sobre “à escolha feminina na área das profissões tecnológicas”. O artigo é parte de um estudo, realizado no ano de 2015, sobre o perfil dos/as egressos/as (período 2005-2015) dos cursos de engenharia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.. A análise foi realizada com base nas respostas de um questionário *online*, aplicado aos egressos/as do período de 2005 a 2015. A pesquisa apontou diversas motivações dessas egressas para a escolha de cursos que ainda se constituem como reduto masculino, além de revelar as dificuldades enfrentadas durante o processo de formação e depois dele. Uma das conclusões do estudo foi que “diplomas iguais não correspondem a iguais remunerações e as mulheres constatarem a assimetria nos ambientes de trabalho”. A autora percebeu ainda que há contradições entre o processo de formação e o mercado de trabalho. Para as autoras, a “Equidade e justiça social, categorias que deram o início na contemporaneidade a grandes debates de políticas públicas parecem não ter alcançado seu fundamento” e que “Por mais que tenham a melhor formação, conhecimento e prática as mudanças em termos de carreira repercutem em sua subjetividade como um sofrimento de integração social, ético e político vivido no trabalho por ser mulher.”

No segundo artigo intitulado *“Um mundo [ainda] dividido” –20 anos depois* as autoras Leopoldina Cachoeira Menezes e Ângela Maria Freire de Lima e Souza se propõem a analisar “a evolução da participação das mulheres docentes na UFBA em diferentes áreas de conhecimento quanto à titulação e à jornada de trabalho”. A pesquisa se baseia em dados sobre a titulação e regime de trabalho dos/as docentes da UFBA referentes ao ano de 2014, disponibilizados pelo sistema de informatização dessa universidade. As autoras concluem que houve um aumento significativo do número de mulheres no quadro docente da instituição nas áreas de Ciências Biológicas e Saúde; por outro lado, na Matemática e na Ciência Física, a participação feminina se manteve estagnada. As autoras ressaltam ainda que o número de docentes com doutorado quase atingiu a paridade com relação aos homens. Destacam ainda que as mulheres têm preferência pelo regimes de dedicação exclusiva, enquanto os homens preferem os regimes de 20h ou 40h. As autoras finalizam o artigo afirmando que “o mundo acadêmico continua dividido, reproduzindo em seu meio os consagrados sistemas de representação das mulheres e suas pretensas especificidades cognitivas, que finalmente definem suas escolhas profissionais.”

No terceiro artigo contamos com a contribuição de Andrea Maila Voss Kominek e Ana CrhistinaVanali. Em seu artigo intitulado *Tecnologia e gênero: repensando relações*, as autoras se dispõem a analisar “as raízes de gênero na construção e utilização da tecnologia e analisar as contradições presentes no discurso de pretensa neutralidade de gênero.” As autoras partem do pressuposto de que a tecnologia não é usualmente pensada para mulheres, mas tem impactos significativos sobre a vida delas. Refletem

sobre como a tecnologia serve para empoderar uns/umas em detrimento de outros/as. Apresentam, com o intuito de exemplificar esta situação, algumas tecnologias que impactam diretamente na vida das mulheres, de modo especial, no espaço doméstico. Finalizando a reflexão, as autoras afirmam, em relação à tecnologia, “a fundamental importância de denunciar seu aspecto ideológico e a mentirosa suposta neutralidade política, econômica ou de gênero”.

No quarto artigo contamos com a colaboração de Lindamir Salette Casagrande e Marília Gomes de Carvalho com o artigo intitulado *O dito e não dito acerca das relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática*. Nesse artigo, as autoras apresentam uma parcela dos resultados da pesquisa para a tese de doutorado da primeira sob a orientação da segunda. A pesquisa foi realizada, no ano de 2009, em um colégio da rede pública estadual, situado em Curitiba, capital do estado do Paraná. As autoras discorrem acerca das relações estabelecidas entre meninos e meninas e destes com professores/as e com a disciplina de Matemática. O texto evidencia que as relações de gênero estão presentes no cotidiano das aulas de Matemática, porém passam quase que despercebidas pelos/as estudantes e professores/as. As autoras finalizam o artigo afirmando que “O ‘dito’ acerca das relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática estava muito atrelado aos padrões e estereótipos do que é ser homem ou mulher. Tudo o que foge deste padrão ficava na categoria do ‘não dito’ do silenciado.”

O último artigo é de autoria de Otávio Barduzi Rodrigues da Costa e se intitula *O papel da mulher no meio pentecostal: novíssimas relações de gênero nas Assembleias de Deus*. O autor tem como escopo do trabalho “mostrar as mudanças de gênero ocorridas no cenário Pentecostal Tradicional Brasileiro”, a partir de reflexões sobre as mudanças ocorridas nessas religiões nos últimos anos, inclusive sobre as questões de gênero. As análises são feitas com base em observação participante desenvolvida pelo pesquisador nas igrejas “Assembleia de Deus”. O autor argumenta que as próprias mulheres para serem vistas como **Santas** ou **Mulheres de Deus** acabam corroborando com a visão machista presente no seio dessas igrejas, repassando para suas filhas a ideia equivocada de comportamento adequado às mulheres. O artigo ressalta, por outro lado, que, “se pode observar um avanço nas relações de gênero nessa pertença religiosa”, bem como que, a educação e a parceria de alguns pastores militantes podem contribuir para mudar as relações de gênero, possibilitando que o futuro seja visto com esperança de melhora.

Para finalizar este número dos CGT apresentamos a entrevista com a professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Ângela Maria Freire de Lima e Souza, a qual nos conta sua trajetória pessoal e profissional, bem como sua percepção sobre as questões relativas a gênero, ciência e tecnologia no Brasil.

Esperamos que as reflexões apresentadas neste número 35 dos CGT sejam inspiradoras para novos estudos e novos horizontes de pesquisa para a temática Gênero e Tecnologia.

Boa leitura!